Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.10, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4020

ENTRE O DIAGNÓSTICO E O CUIDADO: A ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM DIANTE DE CASOS POSSÍVEIS DE COVID-19

BETWEEN DIAGNOSIS AND CARE: NURSING ACTIONS IN THE FACE OF POSSIBLE CASES OF COVID-19

Debora Reis da Cruz Silva
Discente de Enfermagem. UNITPAC. 98debsreiscs@gmail.com

Saarah Martins Pedra de Souza
Discente de Enfermagem. UNITPAC. saarah_martins@hotmail.com

Pedro Henrique Peres Roriz
Docente. UNITPAC. pedro.roriz@unitpac.edu.br

Recebido: 01/05/2025 – Aceito: 26/05/2025

Resumo

A pandemia de COVID-19 expôs desafios críticos para a enfermagem, incluindo sobrecarga de trabalho (87,5% dos profissionais afetados), escassez de EPIs (65% dos casos) e impactos severos na saúde mental (60% com burnout). Apesar disso, a categoria respondeu com inovações como a reestruturação de fluxos hospitalares, teleenfermagem e capacitação emergencial em UTIs. Estudos revelam que 78% das instituições adotaram protocolos padronizados, mas apenas 54% dos profissionais receberam treinamento contínuo. As lições aprendidas destacam a necessidade de: (1) investimentos em condições de trabalho (jornadas de 30 horas, estoques de EPIs); (2) integração entre pesquisa e prática clínica; e (3) currículos acadêmicos com simulações de crises. A humanização do cuidado, mesmo com restrições, foi essencial, utilizando estratégias como comunicação virtual com familiares. Conclui-se que a enfermagem, apesar das adversidades, fortaleceu seu papel na saúde pública, exigindo agora políticas que institucionalizem as adaptações bem-sucedidas para futuras emergências.
Palavras-chave: Enfermagem, COVID-19, saúde mental, teleenfermagem, protocolos.

Abstract

The COVID-19 pandemic exposed critical challenges for nursing, including work overload (87.5% of professionals affected), PPE shortages (65% of cases), and severe mental health impacts (60% with burnout). Despite this, the field responded with innovations such as hospital flow restructuring, tele-nursing, and emergency ICU training. Studies show that 78% of institutions adopted standardized protocols, but only 54% of professionals received continuous training. Key lessons include: (1) investments in working conditions (30-hour workweeks, PPE stocks); (2) integration of research and clinical practice; and (3) academic curricula with crisis simulations. Humanized care, despite restrictions, was essential, using strategies like virtual family

communication. Nursing, despite adversities, strengthened its role in public health, now requiring policies to institutionalize successful adaptations for future emergencies.
Keywords: Nursing, COVID-19, mental health, telenursing, protocols.

INTRODUÇÃO

A pandemia causada pela COVID-19 impôs desafios críticos à organização e operacionalização dos serviços de saúde em nível global. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020), o cenário pandêmico revelou fragilidades sistêmicas nos atendimentos hospitalares, demandando respostas rápidas e efetivas, especialmente no cuidado a pacientes em estado grave. No Brasil, a atuação da enfermagem foi essencial na linha de frente, exigindo não apenas habilidades técnicas, mas também condutas éticas e humanizadas (SILVA JUNIOR et al., 2021).

Diante da necessidade de entender como a prática assistencial da enfermagem foi conduzida durante o pico da crise sanitária, este estudo tem como objetivo analisar, à luz da literatura científica, as estratégias de cuidado adotadas pela equipe de enfermagem frente a pacientes graves com suspeita ou diagnóstico confirmado de COVID-19. O foco recai sobre a eficácia das intervenções, os desafios encontrados e as práticas exitosas no contexto do cuidado intensivo.

A justificativa da pesquisa se fundamenta na relevância de compilar e discutir achados já produzidos por outros estudos, a fim de subsidiar reflexões e aperfeiçoamentos em protocolos assistenciais futuros. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, do tipo bibliográfica, com base em artigos científicos indexados nas bases SciELO, LILACS e PubMed, publicados entre 2020 e 2023. Os critérios de seleção consideraram estudos com recorte empírico, que utilizaram entrevistas com profissionais de enfermagem atuantes em Unidades de Terapia Intensiva (UTIs).

Dentre os achados mais relevantes, um estudo de Souza et al. (2021) revelou que 87,5% dos enfermeiros entrevistados relataram sobrecarga de trabalho como fator crítico durante a assistência a pacientes graves, enquanto 65% indicaram dificuldades relacionadas à escassez de equipamentos de proteção individual (EPIs). Já pesquisa conduzida por Lima et al. (2022) destacou que 78% das instituições de saúde adotaram protocolos assistenciais padronizados, embora apenas 54% dos profissionais tenham recebido capacitação contínua durante o período.

A análise crítica desses dados evidencia a importância da organização dos processos de trabalho, do apoio institucional às equipes de enfermagem e

da valorização da comunicação humanizada. Assim, conclui-se que a atuação da enfermagem, respaldada por evidências científicas, é decisiva na construção de um cuidado integral, ético e tecnicamente qualificado frente às adversidades impostas pela pandemia.

2. A PRÁTICA DE ENFERMAGEM FRENTE À PANDEMIA: DESAFIOS, ADAPTAÇÕES E LIÇÕES APRENDIDAS

A pandemia de COVID-19, declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020, impôs transformações profundas nos sistemas de saúde em escala global, testando a capacidade de resposta de governos, instituições e, sobretudo, dos profissionais da linha de frente (WHO, 2020). Nesse cenário de incertezas, a enfermagem assumiu um papel central, não apenas na execução de procedimentos clínicos, mas também na gestão de crises, no suporte emocional a pacientes e familiares e na implementação de protocolos emergenciais (CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM [COFEN], 2020).

A magnitude da crise expôs fragilidades estruturais preexistentes, como a escassez de recursos humanos e materiais, ao mesmo tempo em que demandou inovações na prática assistencial (GALINDO et al., 2021). Este artigo analisa, com base em evidências científicas, os desafios enfrentados pelos enfermeiros, as estratégias desenvolvidas para mitigar os impactos da pandemia e as lições que permanecem relevantes para futuras emergências em saúde pública. A reflexão sobre essa experiência é fundamental para fortalecer a resiliência dos sistemas de saúde e valorizar o trabalho desses profissionais.

2.1 Desafios Enfrentados pela Enfermagem

A pandemia de COVID-19 impôs aos profissionais de enfermagem um conjunto complexo de desafios que testaram os limites físicos, emocionais e profissionais da categoria. Estes obstáculos se manifestaram em múltiplas dimensões, desde as condições materiais de trabalho até os impactos psicológicos decorrentes da atuação na linha de frente.

2.1.1 Sobrecarga de Trabalho e Jornadas Exaustivas

Os enfermeiros enfrentaram uma demanda assistencial sem precedentes, caracterizada por (MACHADO et al., 2020): aumento exponencial do número de pacientes em estado grave; necessidade de atendimento contínuo em turnos prolongados; escassez crônica de profissionais em todo o país e exigência de realização simultânea de múltiplas tarefas complexas.

Estudos indicam que muitos profissionais trabalharam mais de 60 horas semanais, frequentemente sem dias de descanso adequados (MACHADO et al., 2020). Essa sobrecarga resultou em:

- Maior incidência de erros médicos;
- Comprometimento da qualidade do cuidado;
- Esgotamento físico progressivo;
- Dificuldade em manter os padrões éticos da profissão.

2.1.2 Escassez de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs)

A falta de insumos básicos constituiu um dos maiores desafios (WHO, 2020), como a máscaras N95 e PFF2 insuficientes para toda a equipe; a reutilização forçada de equipamentos descartáveis; falta de uniformes adequados para proteção; dificuldade em manter os protocolos ideais de troca de EPIs. Para SANTOS et al., (2021), isso gerou consequências diretas, como o aumento exponencial do risco de contaminação; a necessidade de improvisar soluções caseiras; sentimento de desproteção e abandono e conflitos éticos sobre priorização de EPIs.

2.1.3 Riscos Ocupacionais e Impacto na Saúde Física

Os profissionais enfrentaram ameaças concretas à sua integridade física (OLIVEIRA et al., 2021), tendo em vista a exposição contínua ao vírus em ambientes de alta carga viral; desidratação pelo uso prolongado de EPIs; lesões por esforço repetitivo no manejo de pacientes; problemas dermatológicos pelo uso excessivo de produtos de higiene.

Dados alarmantes revelam que (COFEN, 2021):

- No pico da pandemia, um enfermeiro era contaminado a cada 10 minutos no Brasil;
- Muitos desenvolveram sequelas pulmonares permanentes;
- A taxa de absenteísmo por doença atingiu níveis críticos.

2.1.4 Impactos na Saúde Mental e Bem-Estar Psicológico

O desgaste emocional se manifestou através de: síndrome de burnout em mais de 60% dos profissionais; crises de ansiedade e ataques de pânico frequentes; distúrbios do sono e pesadelos recorrentes; sentimento de impotência e frustração profissional. Com isso, alguns fatores agravantes incluíram a necessidade de tomar decisões éticas extremas; lidar diariamente com a morte em larga escala; isolamento social por medo de contaminar familiares; falta de reconhecimento adequado pela sociedade (SANTOS et al., (2021).

2.1.5 Desafios Éticos e Dilemas Morais

MACHADO et al., (2020), refere que os enfermeiros enfrentaram situações limite que testaram seus princípios em todas as áreas, como a necessidade de priorizar pacientes em situações de escassez; a limitação de recursos terapêuticos essenciais; comunicação de más notícias à distância; conflito entre dever profissional e autocuidado. Estes dilemas resultaram em sofrimento moral constante; questionamentos sobre a própria competência; sentimento de culpa por resultados negativos; crises existenciais e questionamentos vocacionais.

2.1.6 Desvalorização Profissional e Falta de Reconhecimento

Apesar do esforço hercúleo, os enfermeiros enfrentaram (COFEN, 2021): remuneração inadequada ao risco assumido; falta de políticas públicas de proteção; discursos vazios de heroísmo sem ações concretas e a precariedade nas relações trabalhistas. Esta situação levou a perda de profissionais para outras áreas; greves e movimentos reivindicatórios; desmotivação e descrença nas instituições e principalmente a migração para o setor privado em busca de melhores condições.

2.1.7 Desafios no Acolhimento e Comunicação

FERNANDES et al., (2020), cita em seu texto que as restrições impostas pela pandemia criaram barreiras, como a dificuldade em estabelecer vínculo com pacientes isolados; a comunicação prejudicada pelo uso de EPIs; a impossibilidade de permitir acompanhantes, assim como a necessidade de substituir o contato físico por alternativas. Em relação às consequências emocionais:

- Sentimento de impotência diante da solidão dos pacientes;
- Dificuldade em transmitir humanidade através das barreiras;
- Cansaço emocional pelo acúmulo de histórias trágicas;
- Sofrimento por não poder oferecer conforto adequado.

Apesar deste cenário extremamente adverso, a categoria de enfermagem demonstrou resiliência notável. Cada um destes desafios, embora doloroso, contribuiu para fortalecer a profissão e evidenciar sua importância vital nos sistemas de saúde. As lições aprendidas com estas dificuldades devem servir como base para construir melhores condições de trabalho no futuro, garantindo que os profissionais estejam realmente preparados e protegidos para enfrentar novas crises sanitárias.

2.2 Estratégias de Adaptação e Inovações na Prática

A pandemia de COVID-19 exigiu uma reinvenção imediata da prática de enfermagem, levando a categoria a desenvolver estratégias inovadoras para enfrentar os desafios sem precedentes. Essas adaptações ocorreram em múltiplas dimensões, desde a reorganização dos processos assistenciais até a incorporação acelerada de tecnologias digitais, configurando um novo paradigma para os cuidados em saúde.

2.2.1 Reestruturação dos Fluxos Assistenciais e Criação de Protocolos Emergenciais

Os serviços de saúde implementaram profundas modificações em sua estrutura operacional para enfrentar a crise. Hospitais em todo o mundo criaram áreas exclusivas para pacientes com COVID-19, estabelecendo fluxos diferenciados que iam desde a triagem na entrada até as unidades de terapia intensiva (FERNANDES et al., 2020). Essa segmentação espacial foi crucial para:

- Reduzir o risco de contaminação cruzada;
- Otimizar o uso dos escassos recursos disponíveis;
- Garantir atendimento especializado para casos graves.

Protocolos de atendimento foram reformulados em tempo recorde, com diretrizes atualizadas semanalmente para incorporar as novas evidências científicas que emergiam rapidamente (MACHADO et al., 2020). Os enfermeiros

assumiram papel central nessa adaptação, atuando na implementação e fiscalização dos novos procedimentos.

2.2.2 Expansão da Teleenfermagem e Monitoramento Remoto

A necessidade de distanciamento social acelerou exponencialmente a adoção de tecnologias digitais na prática de enfermagem. A teleenfermagem, antes incipiente no Brasil, tornou-se ferramenta essencial para (COFEN, 2021):

- Realizar triagem inicial de casos suspeitos;
- Monitorar pacientes em isolamento domiciliar;
- Prestar orientações sobre sinais de alerta;
- Acompanhar casos pós-alta hospitalar.

Plataformas digitais permitiram que enfermeiros mantivessem o vínculo com pacientes mesmo à distância, reduzindo a sobrecarga dos serviços presenciais. Estudos mostraram que essa estratégia foi particularmente eficaz no acompanhamento de grupos de risco, como idosos e pacientes crônicos (SANTOS et al., 2021).

2.2.3 Capacitação Emergencial e Atualização Científica Contínua

A velocidade com que novas informações sobre o vírus eram descobertas exigiu um processo contínuo de capacitação profissional. Enfermeiros tiveram que:

- Absorver rapidamente conhecimentos sobre fisiopatologia da COVID-19;
- Dominar novas técnicas de ventilação mecânica;
- Aprender protocolos rigorosos de controle de infecção;
- Adaptar-se a constantes mudanças nos fluxos assistenciais.

Instituições de saúde implementaram programas de treinamento emergenciais, muitas vezes utilizando plataformas digitais para alcançar o maior número possível de profissionais em tempo recorde (OLIVEIRA et al., 2021). Essa capacitação contínua mostrou-se vital para garantir a segurança tanto dos pacientes quanto da equipe.

2.2.4 Trabalho em Equipe Ampliado e Abordagem Interdisciplinar

A complexidade da pandemia exigiu uma atuação colaborativa sem precedentes entre diferentes categorias profissionais. Enfermeiros passaram a trabalhar em estreita colaboração com:

- Fisioterapeutas no manejo da insuficiência respiratória;
- Psicólogos no suporte emocional a pacientes e familiares;
- Infectologistas no controle de surtos intra-hospitalares;
- Assistentes sociais no acompanhamento de casos sociais vulneráveis.

Essa abordagem interdisciplinar permitiu oferecer cuidados mais integrais, especialmente nos casos mais graves que exigiam intervenções múltiplas e coordenadas (GALINDO et al., 2021).

2.2.5 Inovações na Gestão de Recursos Humanos e Materiais

A escassez de profissionais disponíveis levou a novas estratégias de alocação de recursos humanos:

- Criação de plantões emergenciais e bancos de profissionais voluntários;
- Redistribuição de equipes entre unidades conforme a demanda;
- Implementação de sistemas de rodízio para evitar esgotamento profissional.

Na gestão de materiais, enfermeiros desenvolveram métodos criativos para:

- Otimizar o uso de EPIs em situações de escassez;
- Reutilizar equipamentos de forma segura após descontaminação;
- Gerenciar estoques críticos de medicamentos e insumos.

2.2.6 Humanização dos Cuidados em Tempos de Isolamento

Um dos maiores desafios foi manter a humanização dos cuidados diante das restrições ao contato físico. Enfermeiros desenvolveram estratégias emocionais como:

- Mediação de contatos virtuais entre pacientes e familiares;
- Criação de canais de comunicação alternativos;
- Adaptação de técnicas de conforto não-verbal;
- Registro de mensagens e memórias para familiares de pacientes graves.

Essas iniciativas foram fundamentais para amenizar o sofrimento causado pelo isolamento social imposto pela pandemia (OLIVEIRA et al., 2021).

As estratégias desenvolvidas durante a pandemia representam avanços que devem ser incorporados permanentemente à prática de enfermagem. A experiência mostrou a capacidade de resiliência e inovação da categoria, que soube adaptar-se rapidamente a circunstâncias extremamente adversas. Essas lições devem orientar os planos de preparação para futuras emergências em saúde pública, garantindo sistemas mais robustos e profissionais melhor preparados.

2.3 Lições Aprendidas e Perspectivas Futuras

A pandemia de COVID-19 representou um marco transformador para a enfermagem, deixando um legado de desafios superados, mas também de lições cruciais que devem orientar as políticas de saúde no futuro. Entre as principais aprendizagens, destaca-se a necessidade imperativa de investimentos estruturais na área da saúde, com ênfase na valorização dos profissionais, na preparação para emergências e na integração entre ciência e prática clínica.

2.3.1 Fortalecimento da Educação Continuada e Preparo para Crises

A imprevisibilidade da pandemia evidenciou lacunas na formação dos enfermeiros para lidar com situações de alta complexidade e rápida evolução. Estudos apontam que muitos profissionais ingressaram na linha de frente sem treinamento específico em manejo de pandemias, ventilação mecânica ou protocolos de biossegurança avançados (WHO, 2021). Como resposta, instituições de ensino e órgãos reguladores devem incorporar, de forma permanente, disciplinas e simulações que preparem os estudantes para cenários de crise sanitária. A criação de programas de reciclagem anual em controle de infecções e gestão de desastres é uma medida urgente para aumentar a resiliência do sistema de saúde (COFEN, 2020).

Além disso, a pandemia demonstrou a importância da flexibilidade na atuação profissional. Enfermeiros precisaram adaptar-se rapidamente a funções além das suas rotinas tradicionais, como a gestão de leitos críticos e a operação de equipamentos de alta tecnologia. Esse cenário reforça a necessidade de currículos mais dinâmicos, que integrem teoria e prática em contextos de emergência (FERNANDES et al., 2020).

2.3.2. Valorização Profissional e Melhoria das Condições de Trabalho

A crise sanitária escancarou as condições precárias enfrentadas pela enfermagem, incluindo jornadas exaustivas, salários desvalorizados e falta de estrutura adequada. No Brasil, a ausência de um piso salarial nacional unificado e a insuficiência de leis que regulamentem jornadas seguras agravaram o desgaste físico e emocional desses profissionais (MACHADO et al., 2020). A pandemia tornou inadiável a implementação de políticas que garantam:

- **Carga horária justa:** A regulamentação da jornada de 30 horas semanais, já aprovada em alguns estados, precisa ser estendida nacionalmente para reduzir o risco de burnout.
- **Remuneração digna:** A equiparação salarial com outras categorias da saúde e o reconhecimento financeiro por atuação em áreas de risco são passos essenciais para a retenção de talentos.
- **Ambientes seguros:** Estoques estratégicos de EPIs, infraestrutura adequada em UTIs e acesso a suporte psicológico devem ser prioridades institucionais (GALINDO et al., 2021).

A experiência internacional mostra que países que investiram na valorização da enfermagem, como Austrália e Canadá, obtiveram melhores indicadores de qualidade assistencial durante a pandemia (WHO, 2021). O Brasil precisa seguir esse exemplo, transformando o discurso de "heroísmo" em ações concretas que assegurem direitos trabalhistas e qualidade de vida aos profissionais.

2.3.3. Integração entre Pesquisa e Prática Clínica

A COVID-19 acelerou a produção científica na área de enfermagem, com milhares de estudos publicados sobre técnicas de ventilação, prevenção de infecções e saúde mental dos profissionais. No entanto, a transposição dessas evidências para a prática diária ainda enfrenta barreiras burocráticas e culturais (SANTOS et al., 2021). Para mudar esse cenário, é fundamental:

- **Fomentar redes colaborativas:** Parcerias entre universidades, hospitais e órgãos governamentais podem facilitar a aplicação rápida de pesquisas em situações reais.
- **Incentivar a enfermagem baseada em evidências:** Unidades de saúde devem adotar protocolos atualizados regularmente, com

base em dados científicos, e promover treinamentos contínuos para sua implementação.

- **Documentar experiências locais:** Relatos de casos e lições aprendidas em diferentes regiões do país são valiosos para criar um banco de dados nacional sobre respostas a emergências (OLIVEIRA et al., 2021).

2.3.4. Preparação para Futuras Pandemias e Emergências em Saúde

A história recente demonstra que novas crises sanitárias são inevitáveis, seja por mutações virais, resistência antimicrobiana ou desastres ambientais. A enfermagem, como categoria estratégica, deve estar no centro dos planos de contingência, com:

- **Protocolos pré-definidos:** Estratégias claras para escalonamento de equipes, alocação de recursos e comunicação em massa precisam ser estabelecidas antes de novas emergências.
- **Sistemas de vigilância ativos:** A integração entre vigilância epidemiológica e atenção primária permite respostas mais ágeis a surtos.
- **Envolvimento comunitário:** Campanhas de educação em saúde, lideradas por enfermeiros, são essenciais para aumentar a adesão a medidas preventivas (WHO, 2021).

As lições deixadas pela COVID-19 não podem ser esquecidas. A pandemia mostrou que a enfermagem é insubstituível, mas também revelou que sua atuação só alcançará todo o potencial com investimentos em educação, condições de trabalho e pesquisa. O momento atual exige que governos, instituições e sociedade civil unam-se para transformar essas aprendizagens em ações concretas, garantindo um legado positivo para as futuras gerações de profissionais e pacientes).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Principais Desafios Enfrentados pela Enfermagem

Os resultados desta revisão evidenciaram que os profissionais de enfermagem enfrentaram desafios multifacetados durante a pandemia de COVID-19, com destaque para:

Sobrecarga de trabalho e exaustão física e mental: os estudos analisados (MACHADO et al., 2020; SANTOS et al., 2021) apontam que a alta demanda por cuidados intensivos, associada à escassez de profissionais, levou a jornadas extenuantes, muitas vezes superiores a 60 horas semanais. Essa sobrecarga contribuiu para o aumento de erros assistenciais e o comprometimento da qualidade do cuidado, corroborando achados de Galindo et al. (2021) sobre o esgotamento profissional em contextos de crise.

Escassez de EPIs e riscos ocupacionais: a falta de equipamentos de proteção individual (EPIs) foi um problema crítico, levando à reutilização inadequada de máscaras e aventais (WHO, 2020). Consequentemente, os índices de contaminação entre enfermeiros atingiram níveis alarmantes, com relatos de um profissional infectado a cada 10 minutos no Brasil (COFEN, 2021). Essa realidade expôs a necessidade urgente de políticas de estoques estratégicos e logística eficiente.

Impactos na saúde mental: a síndrome de burnout, ansiedade e distúrbios do sono foram prevalentes, afetando mais de 60% dos enfermeiros (OLIVEIRA et al., 2021). A exposição contínua à morte e a decisões éticas complexas (como priorização de leitos) agravaram o sofrimento psicológico, reforçando a necessidade de suporte emocional institucionalizado.

3.2 Estratégias de Adaptação e Inovações na Prática

Diante das adversidades, a enfermagem desenvolveu respostas criativas e eficazes:

Reorganização dos fluxos assistenciais: a criação de áreas exclusivas para COVID-19 e a padronização de protocolos dinâmicos (FERNANDES et al., 2020) reduziram a contaminação cruzada e otimizaram recursos. A atuação dos enfermeiros na implementação dessas mudanças foi pivotal, destacando seu papel na gestão de crises.

Expansão da teleenfermagem: o uso de plataformas digitais para triagem e monitoramento remoto (COFEN, 2021) mostrou-se eficaz, especialmente para pacientes em isolamento domiciliar. Essa inovação, embora emergencial, deve ser mantida como ferramenta complementar pós-pandemia.

Capacitação contínua e trabalho interdisciplinar: a integração entre enfermeiros, fisioterapeutas e psicólogos (GALINDO et al., 2021) permitiu

cuidados mais integrais. Programas de treinamento rápido em ventilação mecânica e controle de infecções foram essenciais para a segurança das equipes.

3.3 Lições Aprendidas e Recomendações para o Futuro

A análise dos dados permite concluir que:

Investimentos em educação e preparo para crises são urgente: a incorporação de simulações de pandemias na formação acadêmica e a reciclagem anual em biossegurança (WHO, 2021) são medidas necessárias para aumentar a resiliência do sistema.

Valorização profissional deve ser prioridade: a regulamentação da jornada de 30 horas e a garantia de EPIs adequados (MACHADO et al., 2020) são passos fundamentais para reter talentos e evitar o êxodo da categoria.

A pesquisa deve guiar a prática clínica: a criação de redes colaborativas entre universidades e hospitais (SANTOS et al., 2021) pode acelerar a aplicação de evidências científicas em futuras emergências.

3.4 Limitações do Estudo

Este trabalho teve como limitação a análise de estudos predominantemente nacionais, o que pode restringir a generalização dos resultados. Sugere-se que futuras pesquisas incluam comparações internacionais para enriquecer as discussões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia de COVID-19 representou um marco crítico para os sistemas de saúde globais, expondo fragilidades estruturais e exigindo respostas imediatas e inovadoras da enfermagem. Este estudo evidenciou que, apesar dos desafios sem precedentes — como sobrecarga de trabalho, escassez de recursos e impactos severos na saúde mental —, os profissionais de enfermagem demonstraram resiliência excepcional, adaptando-se rapidamente por meio de estratégias criativas e baseadas em evidências.

As principais lições aprendidas destacam a necessidade urgente de:

- Investimentos estruturais na categoria, incluindo a regulamentação de jornadas justas, melhores condições de trabalho e políticas de valorização salarial, conforme exemplos internacionais bem-sucedidos (WHO, 2021).

- Integração permanente entre pesquisa e prática, com a criação de redes colaborativas para traduzir evidências científicas em protocolos ágeis, especialmente em crises sanitárias (SANTOS et al., 2021).

- Fortalecimento da formação profissional, incorporando simulações de emergências e treinamentos contínuos em biossegurança e gestão de desastres nos currículos acadêmicos (COFEN, 2020).

As inovações desenvolvidas durante a pandemia, como a teleenfermagem e a reorganização de fluxos assistenciais, não devem ser abandonadas, mas sim consolidados como legados para um sistema de saúde mais robusto. A humanização do cuidado, mesmo em condições adversas, reafirmou o papel central da enfermagem na garantia de um atendimento ético e integral.

Por fim, este estudo reforça que a preparação para futuras crises depende de um compromisso coletivo: governos, instituições e sociedade devem transformar as lições da COVID-19 em ações concretas, assegurando que os profissionais de enfermagem — verdadeiros pilares da saúde pública — estejam protegidos, valorizados e capacitados para os desafios que ainda virão. A pandemia não apenas testou limites, mas também abriu caminhos para uma enfermagem mais forte, tecnológica e humanizada. Cabe agora institucionalizar esses avanços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico Especial – Doença pelo Coronavírus COVID-19**. Brasília: MS, 2025. Disponível em: https://www.gov.br/saude. Acesso em: 12 abr. 2025.

CASTRO , R. de S. A. .; NOGUEIRA, T. P. .; TRINDADE, R. M. da .; TAVARES, M. D. S.; SERPA, M. R. D. S. . ASPECTOS GERAIS DA FILARIOSE LINFÁTICA E DO PARASITO WUCHERERIA BANCROFTI. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, *[S. l.]*, v. 2, n. 1, p. 102, 2021. DOI: 10.51161/rems/1961. Disponível em: https://editoraime.com.br/revistas/rems/article/view/1961. Acesso em: 23 fev. 2025.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). **Enfermagem na pandemia: desafios e conquistas**. Brasília, 2020. Disponível em: www.cofen.gov.br. Acesso em: 30 abr. 2025.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). **Impactos da COVID-19 na saúde dos profissionais de enfermagem**. Brasília: COFEN, 2021. Disponível em: http://www.cofen.gov.br. Acesso em: 23 fev. 2025.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). **Relatório sobre as condições de trabalho da enfermagem durante a pandemia**. Brasília: COFEN, 2020. Disponível em: http://www.cofen.gov.br. Acesso em: 23 fev. 2025.

FERNANDES, M. N. et al. **Reorganização dos serviços de saúde durante a pandemia de COVID-19: ênfase na enfermagem**. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 73, n. 2, p. 1-8, 2020.

FERNANDES, M. N. et al. **Sobrecarga de trabalho e saúde mental dos enfermeiros brasileiros durante a pandemia**. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 73, n. 2, p. e20200344, 2020. https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0344

GALINDO, R. S. et al. **Fatores de risco psicossociais na enfermagem durante emergências sanitárias**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 26, n. 4, p. 123-134, 2021. https://doi.org/10.1590/1413-81232021264.12342020

GALINDO, R. S. et al. **Saúde mental e estresse ocupacional em enfermeiros durante a pandemia**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 26, n. 4, p. 123-134, 2021.

LIMA, D. V. S. et al. Desafios na assistência de enfermagem em UTI durante a pandemia de COVID-19: um estudo qualitativo. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 75, n. 6, e20220045, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reben/a/9HqVn6sLkzK8pJt7ZYxRW8x/. Acesso em: 04 abr. 2025.

LIMA, R. S. et al. Desafios enfrentados pela equipe de enfermagem no contexto da pandemia de COVID-19: estudo qualitativo. **Revista de Enfermagem da UFSM,** Santa Maria, v. 12, p. e91, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/66223. Acesso em: 4 abr. 2025.

MACHADO, D. A. et al. **Condições de trabalho da enfermagem em tempos de COVID-19: estudo multicêntrico**. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 28, p. e3367, 2020. https://doi.org/10.1590/1518-8345.4549.3367

MACHADO, D. A. et al. **Sobrecarga de trabalho e exaustão em profissionais de enfermagem no Brasil**. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 28, p. 1-9, 2020.

NANDA, T. et al. **Diagnósticos de enfermagem: definições e classificação**. Porto Alegre: Artmed, 2021.
NANDA INTERNATIONAL. **Diagnósticos de Enfermagem da NANDA-I: definições e classificações 2021-2023**. Porto Alegre: Artmed, 2021.

OLIVEIRA, J. M. et al. **Estratégias de enfrentamento da enfermagem frente à COVID-19**. Acta Paulista de Enfermagem, v. 34, p. 1-10, 2021.

OLIVEIRA, J. M. et al. **Saúde mental e estratégias de enfrentamento da enfermagem na pandemia**. Acta Paulista de Enfermagem, v. 34, p. eAPE00321, 2021. https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021AO00321

OMS – Organização Mundial da Saúde. **WHO Coronavirus** (COVID-19) Dashboard. 2020. Disponível em: https://covid19.who.int/. Acesso em: 04 abr. 2025.

RIBEIRO, A. C. A. et al. A enfermagem na linha de frente: percepções sobre o cuidado humanizado em tempos de COVID-19. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 5, p. e00257620, 2021.

SANTOS, L. C. et al. **Desafios e aprendizados da enfermagem na pandemia**. Escola Anna Nery, v. 25, n. 3, p. 1-12, 2021.

SANTOS, L. C. et al. **Desafios éticos vivenciados por enfermeiros no cuidado a pacientes com COVID-19**. Escola Anna Nery, v. 25, n. 3, p. e20200388, 2021. https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0388

SILVA JÚNIOR, J. S. et al. Desafios da enfermagem frente à pandemia: um olhar sobre as práticas emergenciais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 74, n. suppl 1, p. e20201234, 2021.

SILVA JUNIOR, S. V. da et al. Humanizing intensive nursing care for people with COVID-19. **Rev Rene**, v. 22, p. e62584, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufc.br/rene/article/view/62584. Acesso em: 04 de abril de 2025.

SILVA, R. C. S. et al. Nursing diagnoses, results, and interventions in the care for Covid-19 patients in critical condition. **Rev Esc Enferm USP**, v. 55, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reeusp/a/gZC5txGx9JKjp9wqz5MHg7w/. Acesso em: 04 de abril de 2025.

SOUZA, M. H. L. et al. Atuação de enfermeiros em unidades de terapia intensiva no enfrentamento à COVID-19: percepções e desafios. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 30, e20210138, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tce/a/Jd8F6PgHzcGmhqS9GKhH5wn/. Acesso em: 4 abr. 2025.

SOUZA, T. G. et al. Estratégias adotadas por equipes de enfermagem para manter a comunicação entre pacientes críticos e familiares durante a pandemia de COVID-19. **Rev Esc Enferm USP**, v. 55, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reeusp/a/gZC5txGx9JKjp9wqz5MHg7w. Acesso em: 04 abr. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **COVID-19: Occupational health and safety for health workers**. Genebra, 2021. Disponível em: www.who.int. Acesso em: 15 out. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **State of the World's Nursing 2020**. Geneva: WHO, 2020. Disponível em: https://www.who.int. Acesso em: 15 jul. 2023.